

ESTREPTOMICINA

Tomou um daiquiri e meio. Rum, limão, licor de laranja, um pouco de açúcar e gelo. A palavra daiquiri parece que vem de um idioma que era falado nas Antilhas, denominado Taino. Consta que a bebida foi criada no começo do século XX, em Santiago de Cuba, a maior cidade do país, depois de Havana. Era o preferido de Ernest Hemingway, que a tomava no hoje, ainda, famoso Bar Floridita, localizado na capital de Cuba, onde ele morou por um tempo, mas também era apreciada por John Kennedy, para vermos que convicções políticas diferentes se dissolvem diante de um bom drink.

Talvez este seja o preferido dela também, a partir de hoje e, se não, serviu para deixá-la muito animada e, como sempre, em ocasiões como esta, a memória volta ao passado, àquela gaveta semiaberta em que, durante a fase adulta, ficam guardadas as grandes lembranças no inconsciente, as quais lutam bravamente para vir à tona a qualquer momento da velhice. Pronto, o daiquiri deixou a gaveta se entreabrir de novo e as lembranças povoam a conversa. Não é necessário que haja diálogo, o que vale é a oportunidade de falar, recontar, cenarizar e sublimar a experiência vivida.

Lembrou novamente de sua mãe que faleceu de tuberculose, quando ela tinha 12 anos. O semblante entristeceu-se, quando se recordou que, por causa do caráter contagioso da doença, raramente os filhos podiam chegar perto dela e muito dificilmente terem autorização dos mais velhos para beijá-la. Estes atos tão simples deveriam ser seguidos de troca completa da roupa, limpeza do rosto e das mãos com álcool, um banho quente, pois estavam em Campos de Jordão, e um bom copo de cerveja caracu batida com dois ovos, para fortalecer o organismo contra o danado do bacilo de Koch.

Buscou lá no passado os fragmentos de lembrança sobre uma das visitas mais importantes para ela, dentre as poucas feitas ao quarto principal da casa, em que a mãe havia lhe pedido que penteasse seus cabelos. Eles eram lisos, tão diferentes do dela, mas idênticos, ela sempre gosta de frisar, ao de sua filha a quem decidiu dar o nome de Encarnação, o mesmo da mãe, que faleceu tão cedo.

Toda a conversa foi um vai e vem de lembranças e constatações – o que era igual, o que era diferente – entre sua mãe e sua filha, entre a avó e a neta que nunca lhe conheceu. A postura, a vaidade, a preocupação em não aparecer desarrumada... Era um acerto de contas com o tempo vivido, pois ela ia lembrando que não se parecia nada com a mãe e que sua filha, esta sim, era igualzinha à avó de mesmo nome. Era um preto e branco, como sins e não absolutos, mesmo que a vida não seja assim.

Lembrou de seu pai, sem deixar de frisar pela centésima vez, que ele não foi grande coisa para os filhos, mas foi maravilhoso para a mulher que havia contraído a tuberculose no segundo ano após o casamento. Gastou fortunas para mandar buscar os remédios mais avançados naquela época, produzidos apenas nos Estados Unidos. Todos ganharam esperanças, quando um novo medicamento foi liberado para a venda, pouco depois de sua descoberta em 1943,

pelo bioquímico Selman Abraham Waksman, que ganhou por este feito o Prêmio Nobel de Medicina, em 1952, quando Encarnación já havia falecido, apesar das inúmeras cápsulas que tomou, tentando vencer a doença já em estado avançado.

Ficou triste ao lembrar que não havia dado certo o tratamento da mãe. Lamentou sua ausência em tantos momentos de sua vida. Perguntou-se em voz alta, mas, de fato, para si mesma, por que, aos dozes anos, quando desta perda tão dolorosa, não teve a idéia de guardar a caixinha de madeira em que Encarnación guardava as pequenas rolhas de cortiça que tampava as ampolas do remédio, como um modo de contar quantas doses já havia ingerido da tal Estreptomicina.

Carminha Beltrão

7 de maio de 2016

Véspera do Dia das Mães